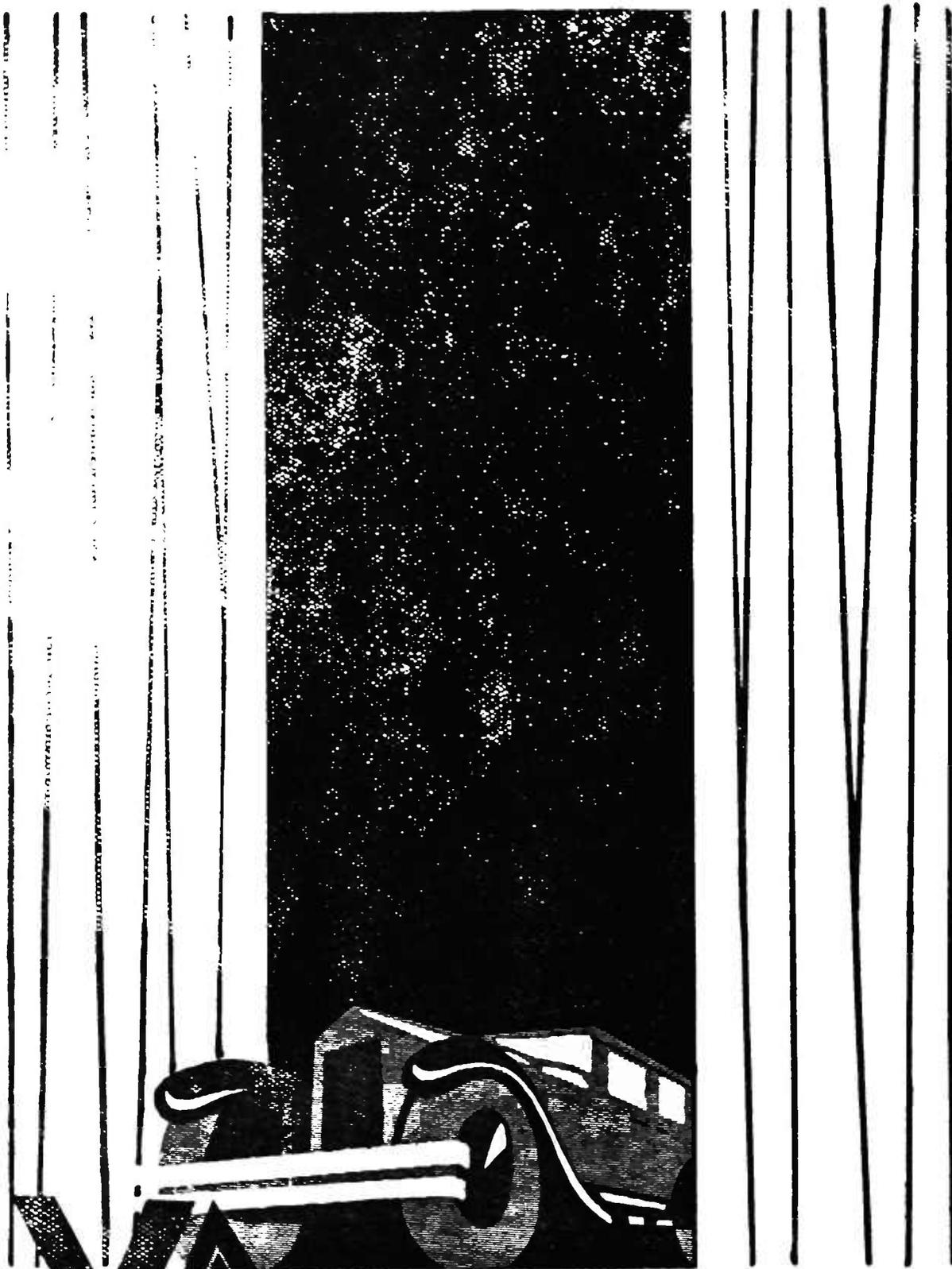
ARLEQUIM
NOVEMBRO
DE 1927
DIA 24
N.º 3
1$

V EXPOSIÇAO DE
AUTOMOBILISMO

PROMOV. PELA

ASS. DE ESTRADAS
DE RODAGEM

JG VILLIN 27

REVISTA DE ACTUALIDADES

PUBLICA-SE ÀS QUINTAS FEIRAS, EM SÃO PAULO

EXPEDIENTE

ASSIGNATURAS

Por anno 40$000

Por semestre 22$000

Numero avulso 1$000

GERENTE

Americo R. Netto

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

Rua Libero Badaró, 28, 3.° andar, sala 14

CAIXA POSTAL 3323

PHONE CENTRAL 1.0.2.4

DIRECTORES

Sud Mennucci

Mauricio Goulart

Americo R. Netto

ILLUSTRADOR

I. G. Villin

COLLABORADORES:

ALBA DE MELLO (SORCIERE), MARIA JOSÉ FERNANDES, MARILÚ, AMADEU AMARAL, VICENTE ANCONA, RICARDO DE FIGUEIREDO, RAUL BOPP, GUILHERME DE ALMEIDA, SILVEIRA BUENO, FRANCISCO PATTI, J. RAMOS, RODRIGUES DE ABREU, RUBENS DO AMARAL, PERCIVAL DE OLIVEIRA, MELLO AYRES, THALES DE ANDRADE, CORRÊA JUNIOR, BRENNO PINHEIRO, CLEOMENES CAMPOS, AFFONSO SCHMIDT, GALVÃO CERQUINHO, MERCADO JUNIOR, MARIO L. CASTRO, MARCELLINO RITTER, THEOPHILO BARBOSA, JOSÉ PAULO DA CAMARA, LÉO VAZ, ETC.

MÃE-FEBRE

Mãe-febre bebeu os meus olhos selvagens.
E ante estas largas florestas atoladas, que me espiam
Estira-se, no fundo do meu sangue, uma nostalgía de barbaro.

De um lado, um resto de terra, esmagada e negra,
E um longinquo rumor de igarapés afogados.
De repente, no fundo da floresta, um baque:
— E' um pedaço de arvore que se suicida.

Agarro-me aos altos caules magros,
Com horror deste pantano, elastico e podre.
Alli no mangue, de raizes iradas, mordendo a lama,
Vae passando uma canôa carregada de esqueletos.

Adoecem os horizontes...

.Sinto, em silencio, a pulsação da terra.

E crescem, dentro da tarde, sombras longas
Como uma ameaça.

Dansam, na minha séde, longos circulos elasticos,
Como si houvesse um grande incendio no meu sangue.

RAUL BOPP

Meias
só
Meias

Artigos Finos ❧ Novidades

Casa das Meias

(a preferida da elite)

P. PATRIARCHA
S. PAULO

MINUTOS DE ARTE

Genese do Rythmo

A falta de um idéal collectivo, social ou religioso, empolgando os espiritos, impéde o desabrochamento de um rhythmo commum. Sem anseios geraes, inauditos e acendrados através gerações por um enthusiasmo generalisado, por uma fé unanime a clamar, para sua vitalidade, pela linguagem eloquente e perdurável dos symbolos, as artes não logram desenvolvimento capaz de integral-as no drama da raça. Sem longa continuidade ideologica, cujas raises se perdem nas longinquas brumosas da perspectiva historica, a moldar, colada e firmemente, a estructura da sociedade, jámais esta os definirá em obras que lhe traduzam os propósitos, jámais florirá architectura, civil ou religiosa, a crystalisar-lhe os sentimentos.

Quando os individuos se conglobam espiritualmente, nos apogeus de uma religião ou de uma forma de governo centralisador é que reponta a architectura —expressão anonyma de arte—, a balisar as directrizes das outras artes.

O enfraquecimento dos liâmes que arregimentam para um mesmo objectivo as vontades de cada um, acarreta o correlativo enfraquecimento da architectura pelo desafôgo de idéas individuaes. Mas, entre as mais diversas apparencias que essas criações individuaes apresentarem, entre as mais exoticas expressões de emoções particulares, vislumbrar-se-ão, em sua ossatura genesica, coincidencias que as familiarisam, filiando-as a uma origem commum.

Não é, portanto, por uma determinação preestabelecida por vontades pessoaes, que as artes formam estas ou aquellas caracteristicas: Estas lhes advém da constructura physica do paiz, a trabalhar tacitamente o temperamento do individuo e dos sentimentos que o arrebatam.

Eis porque são titubeantes as manifestações artisticas no Brasil, respeito a caracteristicas originaes. O esforço de alguns em procural-as e revertel-as esmoréce de encontro á immensa variedade de emoções profusamente disseminadas, sem que as congregue nenhum idéal genérico subjacente ao irrequieto oceano subjectivo.

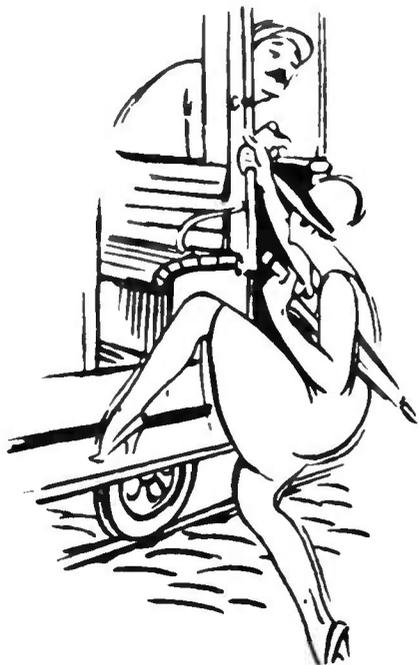
Onde um idéal, uma aspiração, um espirito nacional basicamente unido ? — Não o há porque pela preeminencia de nossa força, que, a extensão territorial nos assegura, descuidamos da cohesão de energias conhecidas para o engrandecimento, para a consecução de um objectivo geral.

Onde uma crença, uma fé, mystica ou leiga, a exalçar-nos os sentimentos ? — Coarcta-a a ignorancia al mentando um fatalismo commodo ou a cultura alentando, um scepticismo egoista e indifferente á acção, por um ecletismo superficial a satisfazer pretensas necessidades esthéticas com arremedos *snobs*...

Onde uma concatenada progressão racial, a garantir-nos remotas mas homogeneas e refinadas repercussões atávicas ? — Impossibilita-a o caldeamento ethnico inda permanente, inda em estado de ebulição com novos e constantes enxertos de sangue, os mais disparatados.

Onde uma influencia antóchtona apreciavel já pela mistura de estranhos caracteres, já pelo patrimonio artistico que nos haja legado, onde o espirito se abebera de seiva virgem, como ao Mexico as gentes aimarás e aztecas ? — Cohibe-a o restricto grau de civilisação dos nossos aborigenes, a sua rudimentar capacidade artistica.

Resta-nos pois, para afazer-nos a um rhythmo geral, forte bastante para dominar nossas concepções artisticas, o contacto com a nossa naturza a affeiçoar-nos os temperamentos, embora pela vastidão do nosso territorio, pela heterogeneidade dos seus habitantes, esse rhythmo tende a regionalisar-se. Porque, ainda assim, quaesquer que sejam as emotividades em que ella se reflectir — commoverá sempre pelo grandioso, pela selvageria da terra bizarramente colorida, recortada asperamente sob o cobalto quente do céu dos trópicos a transluzir entre o gôrdo ennovelado das nuvens.

REIS JUNIOR

A victoria do feminismo

Já não póde ser novidade para as gentilissimas leitoras do "Arlequim" o successo do direito do voto ás mulheres, no Senado Federal. Já a todos os recantos do Brasil o telegrapho, com fio ou sem elle, levou daqui a grata noticia. Mas nem sempre de novidades se póde tratar. Conversemos, então, do magno assumpto, á falta de outro mais novinho e tão palpitante.

Podia ter sido ahi em S. Paulo, por exemplo, ou noutro logar, mas foi no Rio Grande do Norte que se rompeu o primeiro ovo da chocadeira nacional. Gloria, pois, ao que primeiro se desempenhou do trabalho da incubação. Deixa, assim, o Rio Grande do Norte de ser a "terra do girimú", para ser o ninho do feminismo, e "desta gloria só" fica "contente" Elle que chegou a pagar o seu funccionalismo publico com aboboras, fez-se agora o pionerio da igualdade dos sexos — antes de qualquer de seus irmãos, de norte e sul, ou, se alguem o prefere, de sul e norte, acaba de elevar aos pincaros a dignidade da mulher, dando a esta o direito de voto, numa terra onde, já alguem o observou, nunca os homens, com todo esse direito, conseguiram votar de verdade. As suas actas falsas vão apparecer recheadas de nomes femininos, e as suas mulheres ostentarão os seus diplomas de eleitoras, como tropheos de uma victoria difficil.

Celere, como tudo nesta epoca de aeroplanos e radios, a reacção benefica do successo vertiginosamente se estendeu de Natal a todo o resto do Barsil, e aqui chegou ao Senado Federal. Um regimento feminino poz em sitio a praça senatorial. .

Reflicto agora que talvez alguem possa achar qualquer impropriedade nas minhas ultimas palavras. Confesso, então, que sempre escrevo o que me vem espontaneamente á penna. Desta vez, porém, não me esquivei a um certo trabalho de escolha. Estive a pensar em bando — por se tratar de moças, que não conheço e cujo nome ignoro, mas que devem ser bonitas. Seria menos prosaico, mas um tanto inconveniente por ser o Senado da Republica o scenario em que as represento. Contra um bando, outro bando: é o que logo viria á imaginação das minhas leitoras. Ora, um bando de senadores seria suggestão desrespeitosa. Adoptei, então — regimento. Vae melhor com aquella casa de veneranda representação dos Estados. E' como — sitio — outra palavra de que tambem me servi. São ambas muito da intimidade dos illustres occupantes do palacio Monróe. Avulta ainda que não comsigo pensar no feminismo sem que logo me appareçam imagens marciaes — a mulher conquistando do homem até os postos militares — hoje o voto, amanhã o sorteio. Ora, ahi está tudo em pratos limpos. Fica, então, assim mesmo.

Na pasta de uma das commissões dormia, ha muito, o somno da innocencia um projecto de concessão do direito de voto á mulher. Era, pois, contra essa commissão que devia, em boa tactica, ser iniciado o combate. Mas nem foi preciso combater. Apenas assestadas as baterias, logo a gente do reducto se rendeu á discrição. Só dois heroes preferiram cair no campo a entregar-se sem peleja.

Pode-se, pois, considerar victoriosa a campanha. Talvez, já na proxima eleição, nós, as mulheres cariocas, escolhamos um candidato do sr. Frontin, que é barbado, contra outro do sr. Irineu, que já o foi, ou suffraguemos o sr. Penido contra o sr. Dodsworth, hypothese esta, aliás, mal escolhida no caso de um eleitorado feminino. Dos dahi de S. Paulo não sei quaes os que merecerão a preferencia feminina. O que sei é que ahi, aqui, em todo o Brasil, vai agora a mulher pezar nas eleições. Mas ainda

não chegámos de facto a esse nobilissimo desideratum e, ha muito, já nenhum homem me cede o logar no bonde, nem desentope a calçada para que eu passe. Irei, com as outras, influir na escolha de intendentes, de deputados, de senadores, mas, se tiver pressa e os bondes vierem c cheios, terei de tomar um taxi, e se tiver de passar pela "Colombo" entre as quinze e as dezenove horas, terei de descer ao meio da rua, a não ser que tehna a fortuna de encontrar candidatos no meu caminho. Ora, entre o direito, que se me vae conceder, de votar no sr. Seabra, para que o Senado possa presentear o sr. Calmon com uma cadeira senatorial, e o de achar sempre um logarzinho no bonde e a calçada livre, parece que este é que me seria mais commodo e mais pratico. Mas, como elle está perdido, não ha senão que apanhar o outro. Talvez seja melhor assim. Depois do direito de votar, virá o de ser votadas, e duzentos mil reis por dia não fazem cara feia a ninguem. Não ha que desanimar. Do principio é que se começa. Li que na Inglaterra são já dezesete as prefeitas. E' auspicioso, ainda que pése á opinião de um desmancha-prazeres, que prefere fosse esse, ao menos, o numero de perfeitas — ou perfeitas mulheres ou mulheres perfeitas.

Vae tudo, pois, muito bem. Só uma restricção lhe faço. E' que não se diga que foi uma victoria do feminismo a derrota da maioria da commissão do Senado. Os victoriosos foram os "batons", os "rouges", os "bistres", os sorrisos, os olhares, palminhos de cara encantadores e pedaços de perna da pontinha. Foi a isso que se rendeu a velha guarda. E só isso bastou. O feminismo é uma doutrina, e não foi a discussão dos seus principios que venceu os senadores. Quem venceu foi a mulher com a sua belleza, a sua graça, o seu poder de seducção. Ora, emquanto os homens forem batidos com essas armas, emquanto as mulheres vierem a campo de s ias acima dos joelhos, braços á mostra e cara arranjadinha segundo a arte, muito mal se póde considerar o feminismo. Assim, nunca elle será o vencedor, mas sempre os louros da victoria serão do seu mais temivel adversario — a feminilidade.

Continue, pois, a dormir tranquillo, o feminismo, que nós, de saias ainda mais curtas, de braços ainda mais nus e de cara ainda mais pintada, iremos votar nos nossos candidatos.

Rio, Novembro de 1927.

Alba de Mello

ARIEAVIM

DIRECTORES:
SUD MENNUCCI
MAURICIO GOULART
AMERICO R. NETTO

PUBLICAÇÃO SEMANAL EM SÃO PAULO

ANNO I 24 DE NOVEMBRO DE 1927 N. 3

DA MALEDICENCIA

Eu não sei de vêso mais antigo e poderoso que se compare ao de falar mal da vida alheia. Tão antigo que, segundo as chronicas, foi instituido logo após a Creação, quando a Serpente, roida de inveja ante os esplendores do Eden, novo em folha, começou de botar defeitos na obra do Senhor Deus, induzindo a Eva a provar da maçã fatal.

Sempre fui amigo da Serpente, digam embora nella se occultasse o tinhoso e sympathisei com a ingenuidade de Eva. Amizade e sympathia que augmentaram sobremaneira após a leitura de um humorista americano, que nos conta a vida que os eleitos desfructam no paraizo, entre bocejos interminaveis de desmandibular queixadas e monotonas dedilhações de harpa. A Serpente não calculou o bem que fazia, mal fazendo, quando poz á prova a fragilidade feminina. Não fôra isso e a vida seria uma sensaboria sobre este planeta turbulento.

A maledicencia tem uma fórma desbotada vulgarmente conhecida por « falar mal da vida alheia »; e quando dá de carregar a mão, ou, antes de soltar a lingua, transforma-se na calumnia, uma cousa deselegante e incompativel com o bom gosto. Falar dos outros com graça e donaire, produzindo cocegas ao envés de arranhaduras, é uma perfeição a que poucos chegam; quando não enterram demasiadamente a unha fazendo apparecer sangue, descambam na chatice e na imbecilidade.

Falar da vida dos outros tem seus encantos, como todas as acções que se commettem debaixo do sol, posto alguns individuos prefiram entregar-se á apropriação dos bens alheios e outros queiram, não atino com que fins, communicar-se com os marcianos, quando abundam occupações mais suaves, qual a de fazer buracos nagua. Além disso tem a vantagem, praticada como desporto, de ser commodissima e não demandar, como o foot-ball, o turf, o water polo, o rugby e outras violencias estrangeiras, grande numero de pessoas: duas somente, com uma pouca de disposição, a elle se podem dedicar em doce cavaco. Tudo está no funccionamento da lingua.

Nós dizemos — os homens, geralmente, dizem muita tolice que adquire fóros depostulados infalliveis que as mulheres são inegualaveis nesse genero de conversação. Mas os homens — de que as mulheres dizem tanto mal, sobre tudo as que não usam saias acima dos joelhos e ainda não deitaram abaixo os cabellos — nada lhes ficam a dever. E nas sociedades super-civilizadas de hoje, como antigamente no fundo das cavernas cobertas de pelles de animaes, homens e mulheres se abandonaram a esse passatempo, mais ameno que o xadrez e as palavras cruzadas. E o que o troglodyta externava com rudeza e mesmo com grosseria em se referindo ao habitante do buraco mais proximo, nós, com maior somma de hypocrisia adquirida com o correr dos tempos, o transformámos em arte complicada, cheia de subtilezas, de nuanças imperceptiveis, de subentendidos, que a qualquer espirito não é dado apanhar de prompto. Elle ha ainda muitas cerebro lacustres.

E como arte, a da maledicencia merece todas as considerações e encorajamentos. O que admira grandemente é não se haverem lembrado, em recanto nenhum da terra, da installação de escolas ou institutos onde ella seja ensinada gratuitamente a pessoas de ambos os sexos, que conferisse diplomas aos que chegassem ao fim do curso. E' bem de lamentar, nesse ponto, a incuria dos governantes. Dar-se-ia, desse modo, occupação a muita gente e ficariamos livres dos que, a sós, gastam o tempo batendo os dedos num teclado, assoprando numa flauta ou arrancando de um violino gemidos de felinos em excursões amorosas pelos telhados. Sem falar, é claro, dos que preferem o bombo.

J. RAMOS

MASCARA DE COLOMBINA

CONSELHOS AOS NAMORADOS!

A theoria do ambiente!

Procura os jardins para as tuas horas de ternura com ella. O ambiente de um jardim é uma pagina sempre branca que poderás encher cada dia com o lindo poema da tua felicidade.

As ruas, ainda que as lave o céu, conserva um quê de profano e de mao. Os homens de negocio não decidem nos jardins as suas falcatruas pestilentas. Não vão até lá os venenos da traição humana. E se até lá fossem, o halito das rosas poria a salvo o teu coração ingenuo.

O amor necessita de solidão o de paz. De resto, lança os olhos ao seu braço primitivo : — não nasceu elle num jardim, segundo nos conta a Biblia?

Si a tua amada não é tão bella

Si a tua Amada não é tão bella como desejarias que o fosse, nunca lho dês a comprehender, ainda que seja brincando. Ainda que seja para divertil-a, nunca lhe fales dos encantos que lhe faltam. Ella acabaria por se convencer de que a não amas, o que seria, em verdade, uma offensa ao seu orgulho de mulher

Acceita a sua ternura, sem exigir mais do que ella possa dar-te. Cultiva-a com o carinho de um jardineiro.

Que importa se a tua roseira não é a mais perfeita da terra? Basta que ella não te dê espinhos, em vez de rosas...Contenta-te, portanto, com o pouco de belleza que encontrares na tua Amada.

A felicidade não é privilegio da perfeição. Que isto seja a tua secreta divisa!

Habitua-te a este pensamento

— "Si a minha Amada me negasse..."

Ahi está uma phrase que á primeira vista te ha de parecer inaceitavel, absurda mesmo.

Analysa-a, porem, serenamente. Acostuma-te a ella, como a uma cousa natural, como a esta phrase, por exemplo :

— "Si a rosa que tenho ná mão me ferisse..."

Por que essa possibilidade é condição de ambas, meu amigo!

Ella e as outras

Evita no teu amor a camaradagem de outras mulheres.

Considera na immensa ventura que é teres encontrado uma só que te comprehenda.

E é só uma que nos faz verdadeiramente felizes.

Harmonia

Os homens resolverão, um dia, o problema de egualdade humana. Nem reis, nem palacios, nem enxurrias. Nem ignorantes, nem sabios. Tudo isto, bem disposto, perfeito.

Dirão que é o reino da felicidade.

E o desgraçado em quem pulsar ainda um coração que peça um amor impossivel?.

Guarda em silencio o teu amor

Guarda em silencio o teu amor. Comprehendo a impaciencia com que luctas por trazel-o em segredo. Adivinho o desejo que te inquieta, a ancia que te impelle a dizel-o a todos os ouvidos, a confessal-o a todos os que passam pela tua porta.

E's tão feliz! e ninguem parou ainda a contemplar o teu castello, ninguem se deteve ainda a aspirar a doçura do teu jardim — ninguem sabe — oh! ninguem senão ella! que és o mais rico dos mortaes

Corrêa Junior

Sra. Aida Brandão Caiuby

Violões. Moças bonitas. Canções alegres. Toadas. O nosso sertão no Palacio das Industrias. Eis a "Casinha Pequenina", na Exposição do Café.

Do persa Omar Khayyam

Não é Amor o amor que não devasta. Espalha acaso um tição calor igual ao de uma fogueira? Noite e dia, durante toda a vida, na dor e no prazer é que se queima o verdadeiro amante.

FABULA

As arvores paradas sorriam, ao longo do caminho.
Ficavam longe, num minuto, paradas...
E o automovel vencia a distancia immensa,
como um bicho novo, improvisado pela terra...
Um entulho bastou para que elle, de repente,
estacasse, rolando sobre o despenhadeiro.
Houve susto e agonia no ar immovel..

As arvores, á distancia, continuavam paradas,
ao longo do caminho...

CORREA JUNIOR

Um grupo dos que se deliciam com os cantares e tocares da "Casinha Pequenina".

"... Depois, em cada degrau da escadaria um novo encanto... o mais lindo canteiro desabrochado sobre o marmore branco".

Nas corridas da Mooca, domingo ultimo. Um formoso "duo" que passa, entre esquivo e interessado...

COBARDIA

AMADO NERVO

Pasó con su madre!! Qué rara belleza!
!Qué rubios cabellos de trigo garzul!
!Qué ritmo en el paso! Qué innata realeza
De porte!! Qué formas bajo el fino tul!...

Pasó con su madre. Volvió la cabeza,
!Me clavó muy hondo su mirada azul!
Quedé como en extasis...Con febril premura,
«Siguela!» gritaron cuerpo y alma al par.

...Pero tuve miedo de amar con locura,
De abrir mis heridas, que suelen sangrar,
!Y,no obstante toda mi sed de ternura,
Cerrando los ojos, la dejé pasar!

DOZE FAMILIAS

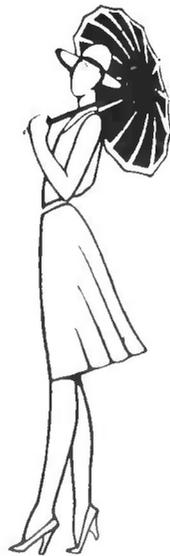
No sabbado, 19, houve festa das 12 Familias. E' um grupo esse que tem proporcionado á gente uma porção de horas deliciosas.

As familias Ulysses de Souza, Felix Ferraz, Edgard de Souza, J. B. Macedo Soares, Ernesto Souza Campos, Augusto Mendonça, Antonio Mercado, Eduardo Lobo, Antonio Souza Campos, Jayme Loureiro, M. Miranda Simões e Samuel de Toledo — formam esse grupo em que cada familia se obriga a dar uma festa por anno, a qual deverá ter, antes do baile, uma parte litero-musical.

No dia 19, realizou-se a festa em casa do snr. Jayme Loureiro.

Arlequim foi lá... Chegou atrazado, quasi no fim da primeira parte da festa. Ainda assim, alcançou um tango cantado por Yvonne Daumeric, com acompanhamento de não sei quantos violões.

Yvonne cantando um tango...

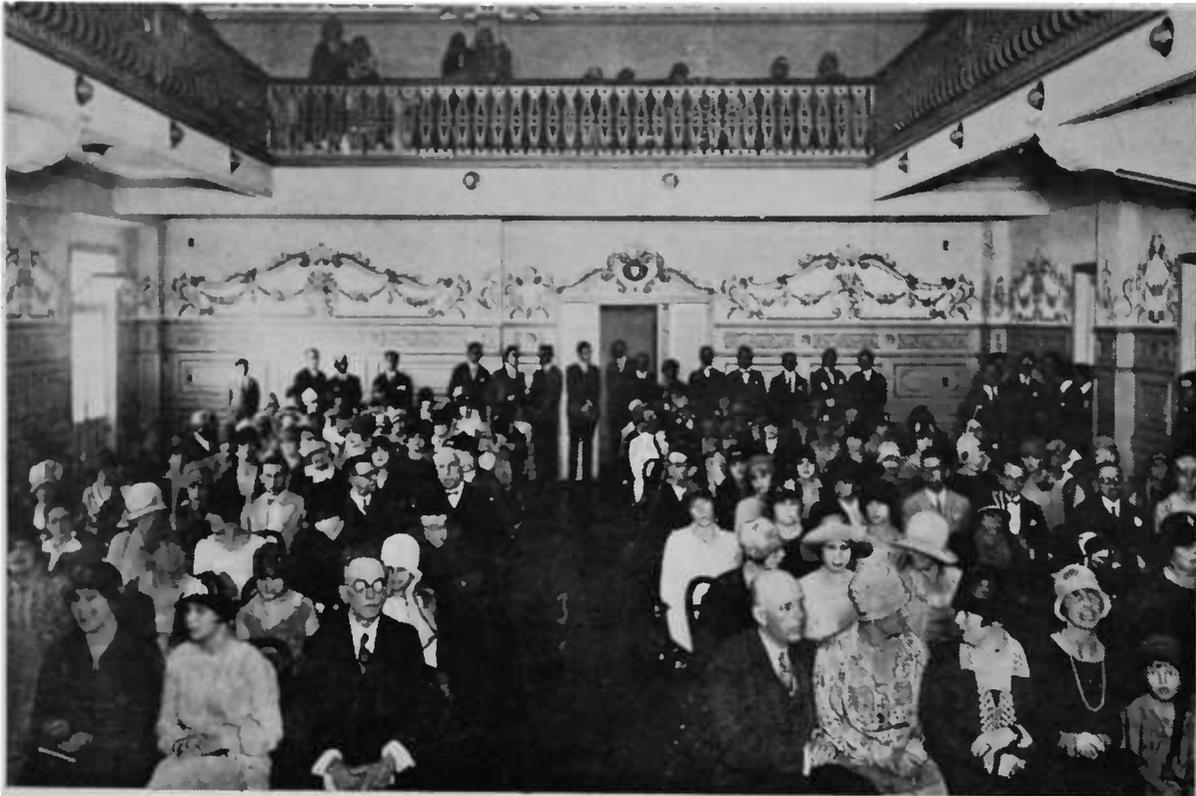
Tive a sensação perfeita de que *via* a musica tombando, lenta e macia, de uma flor dipetala, muito rubra, muito pequenina...

Yvonne estava lá em cima, no topo da escada...

Lá embaixo, no primeiro degrau, uma linda rosa Principe-Negro, pondo na gente uma lembrança da Espanha, pondo no olhar e no ouvido da gente uma illusão de noites brancas de luar e de jasmineira em flor, com sons de castanhola a bailar no silencio... Era Maria de Souza Campos, toda vestida de vermelho escuro.

E, depois, Flora Loureiro... O seu vestido de tule éra tal qual um céo, muito azul, no alto, desbotando pouco e pouco, á medida, que baixava, até acabar nas nuvens esgarçadas das rendas brancas...

Depois, em cada degrau da escadaria, uma nova, um novo encanto... O mais lindo canteiro que tenho visto desabrochado sobre o marmore branco... Canteiro do colorido macio das sedas multicores, exhalando um perfume exquisito de sons... Depois... eu não sei mais nada.

Ah! menina loira, menina loira!...

MEJOR

Aspecto da assistencia, composta do que S. Paulo possúe de elegante e de intellectual, e que assistiu, encantada, á leitura do livro da sra. Marina Quirino dos Santos, no Club Portuguez.

Eu fico triste, quando você passa,
quando você passa pelos meus olhos
Nossa Senhora do meu peccado...

Fico pensando que vae passando
a voz da lua pelo meu silencio...

Eu fico triste, quando você passa...

Fico chorando um verso, porque penso
que não posso guardar a voz da lua
dentro da taça do meu silencio...

MERCADO

A sra. Marino Quirino dos Santos, o meio de um grupo de amigos e admiradores. Acha-se entre o grande Amadeu Amaral e a brilhante declamadora sra. Nascimento Gama.

Na festa do São Paulo Tennis no dia 14. Um recanto da sala onde por todos os cantos, como neste, só se viam moças bonitas.

SÃO PAULO TENNIS

Encostados aos cantos da sala, ou sentados, aqui e alí, numa curvatura de ponto de interrogação...respondendo com um sorriso a quem lhes fala, sorriso que morre logo após a resposta...sós, em meio a tanta gente... tristes, em meio a tanta alegria... —eil-os os "blasés" de festas.

Vão a um baile, numa esperança doida de divertimento, e chegam, e se encostam aos batentes das portas, ou ficam sentados pelos cantos, amolados, inuteis, cansados, com uma grande inveja no olhar que vê tanta gente rindo uma alegria sonóra e natural.

Quem vae a festas, e observa, encontra, em todas ellas, um sem numero desses typos.

Arlequim foi ao baile do São Paulo Tennis, no dia 14. Arlequim não descobriu, lá dentro, um só dos "blasés" de festas.

Havia, em todas as bocas, um grande riso de 16 dentes...E' que o ambiente daquelle clube tão cheio de graça feminina e de cavalheirismo e de cordialidade, faz bem á gente. Cura tristezas dos tristes e dá mais alegria aos alegres.

O "jaz-band" gargalhava uma alacridade de notas metallicas.

As flores (que lindas flores havia) sorrindo o sorriso mudo do perfume, porfiavam em vencer, na belleza e no arôma, as moças — outras flores, vivas, rescendendo essencias caras, bailando á viração das musicas modernas.

Mas, "ceci a tué cela"... As moças venceram as flores.

As moças...

Arlequim tinha por obrigação falar sobre ellas. Arlequim porém ficou deslumbrado e não o póde fazer.

Quando se vê apenas uma rosa, facil é dizer da sua belleza. Quando se vê um "bouquet", é impossivel dizer do bello de cada rosa que o compõe... Só é possivel falar do conjunto, e o conjunto era...era...(Não ha adjectivo bastante lindo para qualifical-o)

...E o arôma que exhalava esse "bouquet"! ...Era uma poeira de Caron e de Guerlain que o meu olfacto aspirava com extase maior que o de um cocainomano aspirando o pó branco.

Subito, em meio a tanta alegria, a nota triste — a salada. Então, Arlequim leu claramente escripto no rosto de todos, um grande e collectivo "Que pena!"...

Arlequim tambem pensou "Que pena!"... Pensou e sahiu.

Uma e meia da madrugada.

No quiriri da noite clara, a garôa ia surdinando um nocturno no cimento da calçada...

MEJOR.

M I L U

Na fazenda. Ao cahir da noite.
A escrava mais nova ainda não tinha voltado da lavoura grande.
Vinha cantando, sósinha, pela estrada,
Quando de surpresa, o feitor apeou-se do cavallo e agarrou-a brutalmente pela cintura elastica.

Gritou. Gritou, cheia de susto,
No ermo da grande tarde selvagem.
Mas elle era branco e tinha os musculos mais fortes...

As arvores tapavam os olhos com vergonha.
...Levava ainda no vestido um cheiro de terra dos caminhos...

R. B.

Outro aspecto da festa de São Paulo Tennis: mais moças bonitas, ainda e sempre moças bonitas

A encantadora festa do Tennis Club, que deixou muita gente muito impressionada. A photographia diz porque . . .

Ruth Duarte fez annos hontem. Foi á sua casa uma porção de gente: porque Ruth, alem de ser bonita, é das moças mais queridas da nossa sociedade. De dez em dez minutos, batia um menininho na porta:

"Telegramma para D. Ruth"

No fim, dava pena até pensar que ella tinha de responder a tudo aquillo. Mas, Ruth estava muito contente. Tambem, ella está, ainda, no tempo em que as mulheres desejam que os mezes passem depressa, que voem os annos, para ficarem mais velhas. E é por isso que "Arlequim" regista aqui muito gostosamente o seu anniversario, sem temor algum de estar sendo indiscreto . . .

Versos...

Pelo Alcaçár do meu sonho
Moram as minhas princezas
Insensuaes, como eu supponho.
Trazem a magoa mediéva
Nuns olhos cheios de idylios,
Presos á sombra dos cilios
Como pedaços de treva.

Habitam o meu presidio
Tacteando em coisas gloriosas,
Numa cidade de rosas,
Na pompa de um sol meridio.

Entristecidas de tedio,
Algumas recordam lendas
Nas horas de opio e de inercia,
Em lascivas offerendas,
Como odaliscas da Persia.

Mostram, em somnos perdidos,
As formas sombrivelladas,
Tranças pretas, desatadas
Sobre os humeros brunidos.

Outras me lembram franzinas
Deusas pagãs das Eneidas,
Com toilettes byzantinas,
E a agua viva das piscinas
Lembra a dança das nereidas.

Esta, nos rumos que cursa,
Pelas essencias que toma,
Embebedou-se de aroma,
Sobre um coxim de camurça

Outras lindas moças que dançaram na festa do Tennis Club, no dia 14.

Aspecto da festa que o Collegio Paulista realisou no Cine-Theatro Republica. Canções esplendidas. Dansas magnificas. Baile animadissimo. E discursos cacetes...

No collegio não se ensina a sorrir. Ellas, porém, já nasceram sorrindo, como agora...

A outra, de olhar tão profundo,
Como um livro da Gallia aberto,
Enamorou-se decerto
De algum principe borgundo;

Toda envolta em sedas pretas,
Na magoa que o olhar trazia,
Matou a flor da alegria,
Numa cova de violetas.

E essa, camelia do polo,
Quer joias e não pode tel-as.
Sonha collares de estrellas
Sobre o luar do seu cólo.

E esta outra, esguia e bizarra,
Mais bizarra do que esguia,
E' a flor da melancholia
Sepultada numa jarra.

Dona Imperial das Golcondas
Nasceu numa concha marinha.
P'ra se lembrar do que tinha,
Canta o soluço das ondas.

Dei-lhe a maior das estimas
Em meus desejos dispersos.

Bordei balladas de séda,
Emoldurando-a de rimas...
Foi a noiva dos meus versos.

Num suavissimo delirio,
A's vezes, me sinto só.
Vejo que minto a mim mesmo,
Com volupias de um assyrio
E o sonho de um pharaó.

Do triclineo em que eu repouso
Em pluma e seda vermelha,
Abro um jardim silencioso,
Para as princezas passearem
Por onde a sombra se ajoelha.

E fumo... A primeira dellas
Passa no ermo da alameda,
Como um desejo que passa.
— Salomé pisando em seda
Tenuizada na fumaça.

Vem a outra, altanada e esguia,
Sóror triste, sem peccado.
No seu corpo amolentado
A flor dos seios, rija e fria,
E' como um marmore sagrado.

De olheiras de rosa murcha,
Esta, vae passeando atôa.
Traz a dor no olhar tristonho,
Como a mãe d'agua do sonho
Boiando n'uma lagôa.

Passa, num regio descuido,
Entre as arvores tranquillas,
Illuminando as pupillas,
Como phosphoros em fluido.

Outras, lá ao longe vão indo
Para paizes remotos,
Vão fugindo... Vão fugindo
Dentro de uma flor de lotus.

Acordo indolentemente
E as princezas onde estão?
Quando ellas fogem da gente
Apenas fica a saudade
Chorando no coração.

No abandono do Alcaçár,
Demoro os olhos em redor.
Chorar decerto é melhor
(Já me esqueci de chorar).
Lá fóra bate o luar,
Como uma garça ferida
Se desplumando no ar.

R.

Sahida da egreja de Santa Cecilia. Rezaram? Não se sabe... Foram á missa, isso sim...

O BAILADO DA SOMBRA

INFANTA:

Ha muitas horas que o sigo
E impiedoso, elle se esconde;
Tem doblezas de mendigo
E galantarias de conde.
Vejo-o no espelho dos lagos
E na areia dos caminhos;
Quero dar-lhe meus afagos
E receber seus carinhos.

PAGEM:

Senhora, tomae sentido
Nesse vosso delirar
Que amor de sombra é fingido
Nunca nos leva ao altar.
Não vos deixeis facilmente
Prender assim, pelo olhar;
A loucura leva a gente
Como aos mortos leva o mar.

INFANTA:

O' Pagem, tu me ensandeces
Com palavras mentirosas;
Para os bruxedos ha preces,
Para as tristezas ha rosas.
Neste amor não ha peccado,
Mas um capricho de amante;
Talvez seja um namorado
Mais voluvel, mais constante.

PAGEM:

Senhora, quero dizer-vos
Que o vosso lugubre par
Não passa de um mal de nervos.
Na alma não lhe deis logar.
Seguis-lo embalde na alfombra,
Tentaes beijal-o no ar.
Vós amaes a propria sombra,
A vós mesma estaes a amar.

INFANTA:

E' isso que todos notam
E que não dizem, mas pensam;
A alma dos outros é um sótão
De onde não desce uma benção.
Amo sombra, amo duende!
Que todos de mim se isolem!
Minha vida é a flor que pende,
Minhas lagrimas — o pollen.

PAGEM:

Na concha azul da liteira
Que se move de vagar,
No ir e vir da lançadeira
Do vosso antigo tear,
Nas folhas de vossas Horas
De tão suave rezar
Encontrareis as melhoras
Como n'estar num lagar.

INFANTA:

Bem quizera, amigo Pagem,
Mas o amado, sem tardança,
Manda-me beijos na aragem
E acena de cada frança
Na verde trama da parra
Que contorna o meu castello
Ha trinto de guitarra
E flon-flon de violoncello.

PAGEM:

O' sombras das noites calmas
Que rondaes este solar,
Quereis trocar nossas almas
N'um doloroso avatar?
Como eu quizera... Mas quando?
Se tu quizesses trocar
Eu empós della, sonhando;
Ella empós mim, a chorar!

A' sahida da missa de Santa Cecilia. Commentando-se as ultimas "toilettes".

Nas corridas: Ella passa...

INFANTA:

Pagem, tu que me aconselhas,
Chama o cão, toma o cajado;
Os meus sonhos são ovelhas
De um rebanho tresmalhado.
Vai por gandaras e fontes,
Traze ao redil as ideias
Que já se escutam nos montes
Os uivos das alcateias.

PAGEM:

Infanta, os vossos pavores,
Trahidos por um esgar,
Proveem do cheiro das flores
E das fructas do pomar;
Voltae para a vossa alcova,
Transponde o seu limiar
E nunca mais vos commova
Affecto tão singular.

INFANTA:

Olha as estrellas, as brancas
Mais as vermelhas... Que dizes?
Esguicham, como as carrancas
De pedra, dos chafarizes.
Estes fulgores de joia
Causam-me effeito medonho.
Vês? O plenilunio é a boia
Duma bahia de sonho.

PAGEM:

As folhas tombam ao léo
De uma brancura polar;
Fogem as nuvens do ceo
Ergue-se a hostia lunar.
Noite! Festim pela terra!
Mas no festim secular
Surge a sombra que me aterra,
Que tanto me faz penar...

INFANTA:

(Afastando-se) Eil-o afinal... Não te afastes!
Espera! Escuta o meu pranto!
As flores pendem nas hastes
Para beijar o teu manto!
Amo-te! Fica! Não partas!
Começa a minha agonia...
A mulher que deita as cartas
Bem disse que eu morreria! (Sáe empós da sombra)

PAGEM: (Só; pensativo) Levaram-na vãos acenos...
Quem na pode censurar?
Se nós todos, mais ou menos,
Quer ao sol, quer ao luar,
No palanquim ou na alfombra,
Passamos a namorar,
Zelosos a propria sombra
Que se desmancha no ar...

A. S.

Indiscreção de "Arlequim"...

A religião não exclúe as lindas "toilettes" como estas, á sahida da missa de Santa Cecilia.

Do persa Omar Khayyam

(Adaptação)

Escuta um grande segredo: quando a primeira alvorada alumiou o mundo, já era Adão um ser doloroso. Já então elle pedia a noite, já então elle ansiava pela morte...

Um toque de correcção britannica, na tropicalidade paulista.

Do persa Omar Khayyam

(Adaptação)

Esquece que hontem não lograste a recompensa a que tinhas direito. Sê feliz, apenas. Não lamentes nada e não esperes nada.

Tudo que vae acontecer está gravado no livro que o vento da Eternidade folheia ao acaso...

Elle!
Bem sei,
beijou-te a mão somente.
Mas, com os olhos nos teus
e um tão fremente
gesto...E uma ancia tão louca,
que foi, afinal,
como se te beijasse
na face...
na boca!

Carlos Magalhães de Azevedo

SÓ...

Arrio a mão, que sustentava a lança,
distendo o braço,
que mantinha o escudo...
Eu não sinto cansaço,
não tenho covardia,
o que perdi foi a esperança
de te possuir um dia...

Já não posso luctar,
nesse delirio agudo,
de quem ama;
falta-me o teu olhar
e eu nada vejo,
falta-me a tua voz e eu fico mudo,
o meu sorriso era o teu beijo,
tu eras tudo.

Partiste,
olhos fitos nalguma esphera luminosa
de fascinação...!
E, desde então,
cerrando os meus ouvidos ao mundo
tristonho,
fecho os olhos á vida exterior
e revivo, dentro do meu sonho,
o meu amor

Rio, 1927

Mario L. de Castro

A' porta da egreja de Santa Cecilia, padroeira dos musicos. Ellas trazem rythmos proprios, inspirados na harmonia do orgão.

Do persa Omar Khayyam

(Adaptação)

Deixemo-nos de palavras inocuas. Ergue-te e serve-me um pouco de vinho. Esta noite tua boca é a rosa mais bella do mundo. Ella me basta a todos os meus desejos.

Levanta-te. Dá-me vinho. Que elle seja tão corado quanto as tuas faces e que o meu remorso seja tão breve quanto é curto o teu cabello.

ELEGANCIAS

Ha sempre entre os nossos amigos um que se destaca pela maldade. Eu tenho um assim, e porque é assim, é, naturalmente, o mais querido dos amigos. Como elle não entende de modas, pedi-lhe uma opinião sobre os novos chapéus que Pariz acaba de decretar.

—Os vestidos modernos mataram as mais lindas linhas da perna.

—E' sobre os chapeus que quero sua opinião.

—Chegarei até elles—os chapeus modernos, occultando a nuca, mataram as mais bellas linhas da cabeça.

—Quer dizer que está desgostoso com os chapeus e os vestidos.

—Contente. As mulheres estavam lindas demais com as pernas e as nucas descobertas.

—E dahi?

—Deus teve pena dos homens e disse aos costureiros: "Faça-se uma moda capaz de desinteressar os homens das mulheres" E a moda está ahi.

Minhas leitoras não pensam assim. Eu tambem não. Até no tempo do espartilho foram amadas.

Deixemos, porem, as rabujices do meu amigo e falemos sobre os ultimos chapeus

Nota-se uma tentativa em favor dos chapeus grandes, mas as mulheres, tão habituadas

ao chapeu pequeno, difficilmente acceitarão o novo modelo. O certo, no entanto, é que as formas medias — chapeus com abas sombreando os olhos — já entraram no dominio da moda e, neste verão, os chapeus de palha acompanharão os vestidos "flous" e amplos.

Finalmente. sahiremos da monotonia do feltro uniforme, que ha mais de dois annos fielmente usavamos, abandonando, ainda, a uniformidade fastidiosa dos chapeus masculinos. A palha de Italia, tinta por novos processos, exhibir-se-á com as folhas exoticas em voga no momento, adorno de hastes de "aigrette" garça real ou phantasias de pluma colladas, isto para os chapeus mais "habillés", continuando a fita a ser o enfeite predilecto para os chapeus da tarde.

Não é somente nos vestidos para a noite que o velludo se impõe, mas empresta, tambem, actualmente, aos chapeus, suas qualidade de real seducção.

As reuniões esportivas de Dauville foram o exemplo do que affirmamos, pois quasi todas as bellas "habitués" do "pesage" se cobriam com "capelines" e "canotiers" de veludo, e ninguem se queixou desse paradoxo sob o sol...

MARILÚ

ITALA FERREIRA, a linda estrella da Companhia Ra-ta-plan.

ORAÇÃO MATINAL

Senhor, eu me envergonho intimamente
de ter esta manhã despertado tão triste,
quando a alegria vibra, unanime, lá fóra:
os passaros estão cantando,
as arvores subindo aos ceos festivamente,
os rios saltarelhando,
a terra inteira numa alleluia sonora!
Chego a pensar que tudo quanto existe
sonhou comvosco e eu, tão somente,
levei a noite toda a ver o mundo em sonho.

Senhor, eu me envergonho
de ter esta manhã despertado tão triste:
dae-me, pois, a espontanea alegria innocente
das vossas coisas simples! E, piedade!
sobretudo, fazei que esta vossa criatura
se desilluda sempre sem amargura
e se eleve, Senhor, sem a menor vaidade!

CLEÓMENES CAMPOS

NA SELVA VIRGEM

Conto de FRANCISCO HERCZEG

Traducção de EDMUNDO BARRETO

A pequena Rara, quando era ainda um bebê de cueiros, foi roubada por uma femea de gorilla, que a carregou para a mata espessa.

O pae de Rara, um dos notaveis da tribu dos "dinga", estabelecida nas proximidades do rio Flaminga, resignou-se virilmente áquella desgraça, pois, felizmente, ainda lhe restavam muitos filhos.

Mas o avô não se conformou com a perda da sua pequena favorita. Com zelo obstinado, lançou-se atrás da ladra e, depois de haver descoberto o esconderijo dos macacos, trouxe a neta, com grande dôr para a familia gorilla.

Desde esse tempo, Rara e o seu avô andaram sempre juntos. Comprehendiam que estavam unidos indissoluvelmente, razão por que o avô tambem se encarregou da educação da menina. Ensinou-lhe a produzir o fogo, esfregando um no outro dois lenhos, a subir nos coqueiros, a construir cabanas de adobes; em uma palavra, ensinou-lhe tudo aquillo de que uma mulher "dinga" bem educada póde ter necessidade na vida, pois os ferozes "dingas" não se occupam senão de lutar, quando têm contra quem, e só as mulheres trabalham.

E como Rara era uma menina muito habil, o avô extrahia mais ainda do rico thesouro da sua sciencia, ensinando-lhe a imitar o uivo do chacal, que faz fugir os espectros nocturnos, e ensinando-lhe a dansa da vibora, que é excellente remedio contra a febre.

* * *

Rara começava a ser considerada como uma rapariga, quando o summo sacerdote, seguindo antigo costume, lhe poz no nariz um pedaço de pau.

Nessa epoca, ella já esperava com o coração palpitante a chegada do plenilunio, para ir, em companhia das demais raparigas casadouras, dansar sob a arvore sagrada.

Os jovens guerreiros declaravam que Rara era a moça mais linda das margens do rio Flaminga. Sua pelle era luzente e suave como a seda negra; seus olhos despediam fogo como os do gato selvagem, e seus cabellos se enrodilhavam em volta do craneo como caracóezinhos de algodão. Mas, sobretudo, dansava a dansa da vibora como se tivesse nervos de arame.

Depois do primeiro bailado á luz da lua, Babu, o filho primogenito do chefe da tribu, presenteou Rara com duas ratas d'agua, formosas e gordas.

Aquillo era um acontecimento importante e foi muito commentado, porque o pae de Babu era um senhor de nove craneos, o que é para nós assim como um titulo de marquez.

Depois do segundo bailado, o sonho secreto do avô se cumpriu. O poderoso chefe da tribu foi á cabana de adobes do pae de Rara pedir para o filho a mão da moça.

O grande senhor apresentou-se com pompa digna da sua estirpe.

Abria a marcha o summo sacerdote, que cobria a cabeça com o craneo de um rhinoceronte e tinha sobre os hombros uma capa de pennas de papagaio. Seguiam-no tocadores de chifres e de tambor, cujo papel consistia em espantar os maus espiritos com sua terrivel musica.

O chefe da tribu trazia na mão direita o symbolo do seu poder: um guarda-chuva vermelho e, na mão esquerda, uma lança de ponta envenenada. Não tinha sobre o corpo mais vestes.

A solemne comitiva terminava com a multidão de esposas, principaes e secundarias, cortezãos e guerreiros, que injuriavam e ameaçavam com grandes gritos os maus espiritos para que não se atrevessem a commetter algum desaguisado.

O pedido obedeceu rigorosamente ás regras da etiqueta "dinga"

Por modestia, o pae de Rara negou até que tivesse uma filha. Depois, recordou-se de que, com effeito, tinha em casa uma especie de criada suja e feia, mas que não merecia ser lembrada, pois era indigna da attenção de um guerreiro tão valente como Babu'.

E Rara, para provar como era pura e casta, occultou-se na parte mais recondita da habitação, de onde só foi possivel tiral-a depois de encarniçada luta.

Depois, entregou a Babu' um ramo de avelleira, como symbolo de que se submettia ao poder do marido.

Durante esse tempo, o avô permanecera agachado num recanto solitario da casa, derramando lagrimas de alegria e dando graças ao deus Kai, o de cabeça de crocodilo...

Oh! sua pequena Rara habitaria, dahi em diante, uma cabana de nove craneos!

Decidira-se que as bodas se celebrassem no proximo plenilunio. E' uma epoca muito favoravel, pois, como se sabe, a grande claridade da lua debilita a força dos maus espiritos.

Os dois paes trocaram um forte aperto de mão, e o de Rara disse alegremente:

— Para as festas das bodas, mataremos o avô!

Matar o avô! Era uma boa idéa.

O avô encontrava-se ainda cheio de carnes, havendo, entretanto, attingido a edade em que se não supporta bem o trabalho. Assim, por exemplo, já não lhe agradava subir ás arvores. Não podendo mais ser util aos seus, certamente receberia com prazer a noticia de que iria, com a sua morte, ser util a Rara, a quem, como sabemos, queria muito.

A pequena Rara pulou de alegria quando soube que, em sua honra, iam matar o avô. Sabia que seu pae era muito bom; mas nunca imaginara que o seu presente de bodas fosse tão esplendido, pois tinha muitas irmans e ellas tambem poderiam ter pretensões ao avô.

Como boa dona de casa, decidiu logo que nas bodas se serviriam as partes melhores do avô, ficando o resto conservado em sal, para o inverno.

A' noite, toda a aldeia já sabia que o avô seria comido nas bodas de Rara. A noticia produziu sensação, pois o avô era querido por todo o mundo. Algumas pessoas distinctas, que podiam ter a certeza de ser convidadas, passavam pela cabana e sorriam, fazendo estalar a lingua quando viam o avô sentado á soleira.

E a irmanzinha de Rara saltou ao pescoço da noiva e cochichou-lhe pudicamente:

— Não é verdade que você me dará as orelhas do avô?

Segundo a superstição dos namorados, a joven que comesse uma orelha humana encontrava casamento no mesmo anno.

Rara levou ao avô cheirosas nozes e leite de cabra:

— Come, avô.

— Não quero! murmurou, triste, o ancião.

Rara poz-se a rir:

— E, entretanto, é preciso que comas, avô, para que tua carne fique tenra e cheire bem.

Então o avô disse qualquer coisa exquisita. Uma coisa muito estranha:

— Eu não quero que me comam.

Disse essas palavras em voz alta, quasi gritando.

A pobre Rara assustou-se tanto, que quasi derrubou a vasilha. Mirou o avô com os olhos muito abertos.

— Mas avô, querido avozinho, se se trata das minhas bodas! Das bodas de tua pequena Rara!

— Pouco me importa de que bodas se tratam. Mas não quero que me comam! accrescentou queixoso o velho.

Rara correu em busca do pae, com os olhos cheios de lagrimas. Quem poderia imaginar tal coisa? O avô não queria ser comido! Seria isso o que a pobre Rara havia merecido?

No principio, o pae pensou que se tratasse de alguma bincadeira.

Não, não era possivel que aquelle homem, modelo dos homens honrados em toda a sua vida, quizesse subtrahir-se ao mais sagrado dos seus deveres...

Mas, não era brincadeira. O avô não queria, em absoluto, que o assassem para as bodas de Rara.

O assumpto começava a tomar cariz penoso e humilhante... Que queria, então, aquelle velho egoista? Queria viver eternamente? Ou preferia ser comido pelos vermes em vez de o ser pelos seus consanguineos?

Na occasião, porém, o mais importante era manter em torno do assumpto o maior sigillo, afim de evitar zombarias e um terrivel escandalo.

Se a noticia chegasse aos ouvidos do poderoso e altivo chefe da tribu, talvez se desmanchasse o casamento, porque, naturalmente, ninguem deseja ter parentesco com uma familia onde se professam principios tão exquisitos.

A idéa desse perigo fez derramar lagrimas á pequena Rara e exasperar seu pae.

Mas, graças a Kai, ainda não se chegara ao ultimo extremo. Era preciso falar com o teimoso ancião. Sem a menor duvida, elle havia de se inclinar ante as palavras da razão e da honradez.

E o pae de Rara falou-lhe:

— Em verdade, o que pretendes? perguntou-lhe. Queres escapar á morte? Bem sabes que é impossivel. Tarde ou cedo virá buscar-te. Crês que terás melhor morte se fores agarrado nas selvas por uma panthera? Ou achas preferivel mirrar, seccar e morrer como uma velha arvore? Ou ainda que te convertas em uma carga para os mais e para ti mesmo e que uma má enfermidade te aniquille? Não, meu pae. Tu não podes, seriamente, desejar taes coisas. Para ti não ha senão um fim digno: morrer no meio dos teus, em um dia que será uma dupla festa, por ser o primeiro passo de tua neta e o ultimo teu na vida. Tambem comeste teu pae, que, por sua vez, comeu o delle. Espero em Deus que meus filhos venham a me comer. E' o costume em todas as casas honradas. O pae continua vivendo em seu filho e desse modo fica immortal. No festim, em que serás o prato principal, estarão reunidos todos os teus parentes e teus melhores amigos, todas as pessoas, emfim, que te estimam de verdade. Durante uma longa vida, tu lhe offereceste os thesouros do teu engenho e, agora, no fim, irás offerecer-lhes teu corpo. Não é magnifico isso? Como serás glorificado! Faremos o possivel para que chegues á mesa em forma digna de ti. Quanto a isso, se tiveres algum desejo especial, se, por exemplo, preferires que te enfeitem com rodelinhas de limão ou que te apresentem recheiado com pedacinhos de toicinho...

O avô não quiz ouvir mais. Tapou os ouvidos e começou a gritar:

— Não, não quero que me sirvam á mesa.

O summo sacerdote era o confidente da familia. Por isso, contaram-lhe o segredo, afim de ver se lhe era possivel encontrar solução para o melindroso caso.

Conversarei com elle a sós, disse o santo homem. Tenho a certeza de que saberei falar-lhe á alma...

No dia seguinte, foi ver o avô.

— Crês nos deuses? perguntou-lhe.

— Como não haveria de crêr? respondeu o avô, completamente assombrado.

— Deves saber, então, que o nosso deus principal é Kai, o de cabeça de crocodilo... A despeito disso, não foi elle quem criou o mundo, senão seu pae Kao, o de cabeça de bufalo. Kao teve dezesseis filhos e comeu todos. O decimo setimo foi Kai, o de cabeça de crocodilo, que matou, com o bastão santo, Kao, o de cabeça de bufalo, e o comeu, invertendo, assim, a ordem da natureza. Desde então, a lei divina exige que não sejam os paes que comam os filhos, senão os filhos que comam os paes. Dessa maneira, os paes se unem aos filhos e nelles continuam a viver. O que é bom e formoso nos velhos passa aos filhos. E, assim, os homens de mortaes se transformam em immortaes. E' uma concepção maravilhosa, não acha? Quem se oppuzer á santa lei, corta a cadeia immortal, commette um crime contra os deuses e contra os homens, é um sacrilego e um inimigo da religião. Um homem assim será maldito, mil vezes maldito, e depois da morte transformar-se-á num sapo e coaxará eternamente no lago de enxofre do inferno...

Teria sido difficil contestar a taes razões. O avô olhou de modo sombrio e vago para a frente e, depois de algum tempo, exclamou:

— Prefiro ser um sapo a deixar que me comam!

A attitude incomprehensivel do avô tornou-se publica, pouco a pouco, apesar de todas as cautelas que se haviam tomado. Os verdadeiros amigos da familia lamentavam de todo o coração o triste incidente, ao passo que os invejosos nelle encontraram magnifico campo para as suas maledicencias.

Um dia o poderoso chefe foi em pessoa falar com o avô.

— Meu amigo, disse o grande senhor, pondo o guarda-chuva vermelho debaixo do braço, acredite que não é o egoismo que me move. Como carne humana sempre que desejo e, além disso, não a aprecio muito, pois é alimento muito pesado para o meu estomago. Mas, agora, não se trata de mim nem de ti, mas de um principio superior. Porque, afinal, poder-se-ia dizer: o avô não quer que o comamos? Está bem não o comeremos. Não será razão para ceu vir abaixo. Entretanto, não se trata somente disso. Se te subtrahires á lei, outro quererá gosar desse privilegio e, assim, todo o mundo poderá fazer o mesmo. Em consequencia, dentro em pouco, attingiremos uma situação em que não haverá leis, não haverá ordem, não haverá autoridade, não haverá familia, não haverá Estado, não haverá nada.. Comprehende, agora, meu amigo, como me assiste a razão?

— Comprehendo, disse o velho, com arrependimento.

Mas, accrescentou, em seguida:

— Apesar de tudo, não quero que me comam.

O poderoso chefe, então, cuspiu com desprezo ao velho as seguintes palavras:

— Meu dever é defender a ordem contra os rebeldes, e por essa razão exijo — comprehendes? — exijo que sejas comido nas bodas de Rara, assado ou cozido, isso pouco me interessa; o essencial é que sejas servido aos convivas, porque agora já se trata de uma questão de principios.

Assim falou o chefe de nove craneos e, em seguida, abriu furiosamente o guarda-chuva vermelho e afastou-se com passos energicos.

Rara, que soffria muito por causa do incomprehensivel capricho do avô, fez ainda uma ultima tentativa. Com os olhos rasos de lagrimas, atirou-se ao pescoço do ancião.

— Avô, meu querido avozinho, será que já não amas a tua infeliz Rara? Já não és, pois, aquelle que me salvou do esconderijo dos gorillas? Não és aquelle que me dava de comer, que me ensinava e que me mimava? Que me trazia ovos de passaros e frutas summarentas? Meu querido avozinho! Não has de querer que eu seja uma infeliz, que me apontem com o dedo ... Não has de querer que meu casamento se desfaça, que tua Rara morra de pesar...

Era um duro ataque. Agitou-se a consciencia do avô e os olhos encheram-se-lhe de lagrimas... Comprehendia que estava agindo como o maior dos egoistas. Não pensava senão em si, desprezando a honra da familia e a felicidade da pequena Rara. Comprehendia tudo isso e, no entanto, não queria ser comido!

Ao chegar o plenilunio, reuniram-se os convidados em frente á cabana dos paes de Rara. O summo sacerdote acudiu tambem, trazendo o sagrado bastão com que costumava immortalisar os homens. Por ultimo, chegou o poderoso chefe, acompanhado de seus guardas de corpo, seus cortezãos, suas esposas principaes e secundarias, assim como dos seus musicos que espantavam os demonios.

— Podemos começar a cerimonia! disse o grande senhor.

Mas, um dos principaes personagens, o avô, estava invisivel.

Depois de se interrogar todo o mundo e de se procurar por todas as partes, soube-se que o avô tinha fugido. Alguem o vira encaminhar-se para o cannavial do rio Flamingo.

— Fugiu! Que vergonha! rugiu o pae de Rara.

— Vamos! Vamos! E' preciso apanhal-o, exclamou furioso o chefe.

Todos os convidados correram ao rio e deram uma busca no cannavial. Rara estava entre os caçadores.

— Oh! Com tanto que o cahemos! disse a joven, anhelante. E revistou todas as moitas. Ella bem sabia que a felicidade da sua vida dependia do resultado da caça.

De repente, alguem lançou um grito, apontando para o rio:

— Está alli!

Longe, no largo rio, já perto da outra margem, nadava uma cabeça encanecida. Em volta, alguns crocodilos.

— Desgraçado! exclamou o chefe. Prefere ser devorado pelos crocodilos, em vez de o ser pelos parentes!

Era, realmente, uma aberração incrivel o egoismo daquelle velho.

Os crocodilos, entretanto, não devoraram o avô. Os convidados viram-no alcançar a margem, sahir d'agua, sacudir-se e desapparecer no espesso arvoredo.

NÃO SE CASE COMMIGO

Hervé Lauwick
Adaptação de Mercado Junior

ELLA — ELLE

Um salão. Ao fundo, mesa com livros e photographias. No primeiro plano, canapé, cadeiras e uma pequena mesa em que o chá esfria tranquilamente.

Elle entra com o chapéo na mão. Elegante. Fala com um criado que não se vê.

ELLE — Então, a sra. Souza ainda não voltou? Mas, voltará logo, não é? (Fecha-se a porta) Não ouviu. E' extraordinario que não haja ninguem em casa. Os Ferraz disseram-me que viesse tomar chá, que avisariam madame Souza da minha visita e que, aliás, estariam aqui para me apresentar a ella. Venho, e não ha ninguem. Bólas!... (Senta-se) E' verdade que "five ó clock" quer dizer seis e meia. (Tira o relogio do bolso) Estou adiantado. (Levanta-se e passeia pela sala, segurando o chapéo atraz das costas. Olha os livros que estão sobre a mesa) "O NORTE". Espero que a mamãe não toque nesse assumpto. Si ella me falar sobre isso, eu direi...que é que eu direi? Parece que a filha é bonita. (Pegando uma photographia) Será ella? Não, não é possivel, deve ser o retrato de uma prima. E' linda demais para ser moça casadoira. (Ruido; põe a photographia no logar) Vem alguem. (Toma um ar indifferente. Abre-se a porta).

Ella chega da rua. Está de chapéo, pára junto á porta.

ELLA — Disseram-me que o snr. deseja falar com madame Sousa.

ELLE — Sim, senhorita. Eu...sim...eu...

ELLA — Mamãe sahiu.

ELLE — Si me permitte, esperarei que ella volte.

ELLA — Creio que mamãe não voltará antes de oito horas, para jantar. Mas, si é cousa urgente, eu poderei dar o recado.

ELLE — (Muito incommodado) Ora, senhorita, eu vinha, apenas, apresentar os meus respeitos á senhora sua mãe...Vim aqui a convite de madame Ferraz, (Ella sorri. Elle se perturba.) ou antes, os Ferraz prometteram me apresentar á senhora sua mãe si eu viesse tomar chá, aqui, no dia 28...

ELLA — Ah! bem...Sente-se (Elle senta-se á direita) E' o sr. André Guimarães?

ELLE — Sabe o meu nome?

ELLA — Avisaram-me que o sr. viria cá, amanhã, 28 é amanhã.

ELLE — (Levantando-se) Oh! meu Deus eu vim um dia antes. Por isso é que não havia ninguem em sua casa. Senhorita, mil desculpas...

ELLA — De nada. E' um desses pequenos enganos que um homem occupado commette frequentemente.

ELLE — Só me resta sahir, pedindo-lhe perdão por tel-a importunado. Voltarei amanhã, si me permitte.

ELLA — Não, o sr. não vae sahir já. Está com mêdo de mim? Não ousa ficar aqui sem a protecção de madame Ferraz?

ELLE — Oh! senhorita!...

ELLA — O sr. vae tomar chá commigo. Veio para tomar chá. Tem que o tomar. (Tira o chapéo) Estou encantada com sua companhia.

ELLE — Bem involuntaria, aliás.

ELLA — (Rindo) Ora, faça um esforço de vontade. Pegue essa chicara, a de mamãe, e sentemo-nos.

ELLE — Não sei si devo...Que diria a senhora sua mãe, si chegasse?

ELLA — Diria: "dem-me outra chicara..." (Vão para a esquerda) Isso o aborrece?

ELLE — Como póde pensar...

ELLA — Não, não estamos bem aqui. Vamos para lá. Segure a mesa. (Transportam a mesa de chá para o proscenio, e se installam no primeiro plano. Não quer um guardanapo? Não lhe offereço chocolate, porque só ha chá. Biscoitos? Sirva-se...Seu chapéo o está incommodando. (Vae por o chapéo sobre uma cadeira. Volta e mostra um biscoito.) Eu lhe aconselho este. Assucar? Quando bastar, diga... (Serve)

ELLE — (Olhando-a) Como deve ser bom ser amigo da senhorita!

ELLA — Quanto bastar, diga. Já pus tres colheradas.

ELLE — (Rindo) Basta, basta! A senhorita é uma dona de casa encantadora.

ELLA — Coma destes biscoitos, mas não coma muitos, porque são os que mais me agradam.

ELLE — Já comi. São optimos.

ELLA — (Comendo) Agora, diga-me porque motivo veio aqui em casa.

ELLE — (Comendo) Mas...Para ver a senhora sua mãe.

ELLA — (Rindo) Nunca a viu?

ELLE — Exactamente.

ELLA — Então, não queria morrer sem *vel-a?*

ELLE — (rindo) Não, não é isso, mas...Aliás, eu já vi a senhora sua mãe em casa dos Ferraz, no anno passado.

ELLA — E ella causou-lhe uma tal impressão que...Oh! Não me conte essas cousas...Sou sua filha, não posso ouvir confidencias desse genero.

ELLE — Não é isso, tambem. Supponhamos que eu viesse por causa dos convidados.

ELLA — Conhece os Costa, os Andrades, os Mello? Não? Não conhece nenhum delles? Então...

ELLE — Prefiro dizer a verdade.

ELLA — Eu sei. O sr. veio por minha causa. Disseram-lhe: ella é casadoira, ella é rica...

ELLE — Ella é linda, espirituosa...

ELLA — A sogra não será maçante... Então, o snr. veio com um ar muito natural... Mas, pensa que eu não o teria notado, sosinho, caceteando, não conhecendo ninguem? De mais a mais, estou habituada a essas cerimonias. Madame Ferraz é uma senhora que eu respeito. E' velha, estupida e tem pessimo caracter, mas, eu a respeito. Como não foi feliz no casamento, vinga-se tratando de casar a toda a gente e, especialmente, a mim. O sr. é o setimo que ella me envia.

ELLE — E os outros.

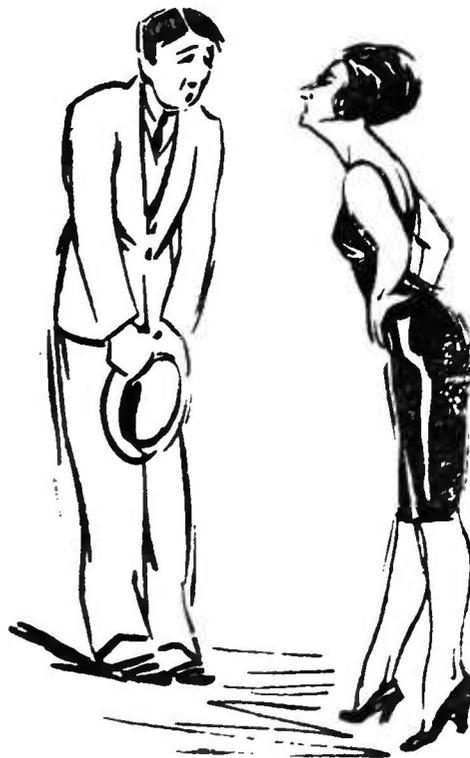
ELLA — (Gesto de quem corta) Desappareceram.

ELLE — Os seis?

ELLA — Sou uma especie de Barba Azul...

ELLE — (Comendo) Eu queria explicar... (engasga-se)

ELLA — (Levantando-se) Que é isso? Engasgou-se!? (Bate-lhe nas costas).

ELLE — (Com esforço) Obrigado, obrigado.

ELLA — Beba um pouco de chá, que passa. O sr. me assustou.
ELLE — Passou.
ELLA — Beba mais. Gosta de chá? (Elle faz uma careta) Não gosta?.
ELLE — Confesso que detesto chá. Raramente o tomo. Além de o achar ruim, provoca-me insomnia.
ELLA — Eu lhe dei tão forte...
ELLE — (Tossindo) Mas este não está muito ruim, não.
ELLA — Sorrindo) Que gentileza!
ELLE — Não é isso que eu queria dizer...
ELLA — Queria dizer o que disse. Eu o intimido tanto assim?
ELLE — (Agitado) Oh, não!
ELLA — (Indo para junto delle) O sr. está commovido. Porque está chorando? Não tive intenção de magual-o.
ELLE — (Ainda meio engasgado) Não é a senhorita, não. E' o biscoito.
ELLA — (Sentando-se) Decididamente, não tenho sorte com os rapazes. E o sr. queria se casar commigo... Não temo, então, alguma coisa seria em que pensar? Mão tem medo...
ELLE — (Interrompendo-a). Tenho medo da senhorita. Pensava em pedir a sua mão e, agora...
ELLA — Ah! é mesmo. Pois, peça-a, peça-a e... não falemos mais nisso.
ELLE — Tem um accesso de tosse; depois, com esforço) Eu a peço. (Estende a mão)
ELLA — (Pondo as suas debaixo da mesa) Eu a recuso.
ELLE — E' desconcertante!
ELLA — Porque? Isso ficará entre nós; ninguem zombará do sr. Olhe, nós já somos amigos. Temos um segredo.
ELLE — Comprehendo que, sendo hoje, a primeira vez que a vejo, eu não tenha tido tempo...
ELLA — De me conquistar? Oh! Não é por ser hoje. Minha resposta é definitiva. Não deseja mais nada?
ELLE — Agora, começo a ter vontade de me casar com a senhorita.
ELLA — Tudo, menos isso... Nem chá, nem biscoitos?
ELLE — Não. Obrigado.
ELLA — Não quero que saia daqui zangado commigo, porque lhe fallei com franqueza. Entrando, ha pouco eu não esperava tomar chá, sosinha, com um rapaz, que aproveitaria a occasião para me pedir em casamento. Se mamãe soubesse com quem estou falando, agora, e do que falamos!...
ELLE — De amor.
ELLA — Perdão — de casamento. Não é a mesma coisa...
ELLE — Mesmo assim, isso a interessaria.
ELLA — Crê no acaso?
ELLE — (surprehendido) Não sei.
ELLA — Elle sabe dispor as coisas. Se, em vez de vir hoje, o sr. viesse amanhã, dia marcado, nós não teriamos podido conversar e, tão pouco, chegar a um accordo. Haveria, aqui, uma porção de senhoras e de moças, todas sem graça — as minhas relações... O sr. passaria de um grupo a outro, inutil e ridiculo. E eu, sabendo porque e para que o sr. estava aqui, não o olharia siquer.
ELLE. — Mas, a senhorita não quer mesmo se casar?
ELLA. — Espere. E nós não trocariamos uma unica palavra. Depois, falariam ao sr., da minha fortuna; a mim, da sua situação. Mil cumplicidades entrariam nesse negocio... Sim, negocio: é preciso chamar as coisas pelos seus nomes. Teriamos contra nós a formidavel conspiração das tias, que querem sempre "fazer a felicidade dessas duas creanças" E, então, amoladas, obsecadas, perseguidas, as duas creanças, cheias de segundas intenções, talvez cahissem nos braços uma da outra, e fossem ao juiz de paz e ao padre tentar serem felizes, com a garantia da Egreja e do Estado.
ELLE — E' verdade.
ELLA — Mas, o sr. errou no dia e, assim, tudo mudou. Vimo-nos, conversamos...
ELLE — Dissemos um ao outro coisas desagradaveis...
ELLA — No entanto, o sr. não é meu marido...
ELLE — (rindo) Mas, a senhorita pode tornar-se minha mulher.
ELLA — Que engano. Toda mulher já é a mulher de alguem não se torna. Se não fosse assim, bastaria o casamento para unir duas pessoas e isso não pode ser verdade porque seria bom demais.
ELLE — A senhorita não é tão alegre como parece.
ELLA — (suspirando) Creio que nunca me casarei.
ELLE — E é tão facil! Conheço tanta gente que casou tão depressa. Porque a senhorita não o fará, tambem?
ELLA — (passeando, pensativa) E' muito complicado, não posso dizer.
ELLE — Acho, ao contrario, que é muito simples. Que é que lhe falta para isso? Um noivo.
ELLA — Falta muita coisa...
ELLE — Estou a vel-o daqui.
ELLA — O sr. tem bôa vista.
ELLE — Então, a senhorita ama um rapaz... Um outro, que não eu...
ELLA — (sorrindo) Sim. Porque essa admiração? O sr. me olha como se não fosse possivel amar senão ao sr.
ELLE — (modesto) Oh! (Pausa) Elle é bonito? (Pausa)
ELLA — (com simplicidade) Eu o amo.
ELLE — Porque não se casam?
ELLA — (apoiada na mesa, os olhos baixos) Minha familia não quer.
ELLE — E' muito moço?
ELLA — Vinte e quatro annos.
ELLE — Bella idade, idade magnifica, — a minha idade! Então, elle tem vinte e quatro annos? Mas, muito bem, optimo.
ELLA — Não ha nenhum merito nisso. (pausa) Minha familia acha que elle é pobre. Não tem por si nada mais do que ser amado por mim.
ELLE — Bella situação.
ELLA — Que não está ao alcance de toda a gente. Mas, acham que não é o bastante. Quanto a mim, estou certa de que em breve elle será bem succedido.
ELLE — Em que?
ELLA — (com convicção) Em qualquer coisa.
ELLE — (sorrindo) Optima carreira. Ao menos a gente tem liberdade.
ELLA — E' intelligente, sobrio, trabalhador... Só o que lhe falta é dinheiro. Eu tenho o sufficiente para dois. Elle, porem, quer fazer as despesas da casa. Disse que nos casaremos quando me puder dar um automovel de presente. Então... não fui á exposição de automoveis, porque o modelo ainda não será o deste anno.
ELLE — Que é que elle faz agora?
ELLA — Projectos.
ELLE — Não é isso. Qual a sua profissão?
ELLA — Trabalhar. Mas, isso não importa. Prefiro ser pobre com elle do que rica com outro. Meus paes procuram-me marido por toda a parte. Vivem apresentando-me a rapazes.
ELLE — Para fazel-a mudar de idéa.
ELLA — Mas — sem o maguar — cada vez fico mais decidida.
ELLE — Comprehendo essas coisas.
ELLA — Como elle me ama, creio em tudo o que diz. Assim, quando diz que me ama, eu acredito. Passamos horas inteiras a falar do futuro, como de um bello paiz a que desejamos ir juntos.
ELLE — As viagens são tão difficeis hoje em dia...
ELLA — Emfim, espero.
ELLE — E ainda dizem que são os homens que esperam pelas mulheres.
ELLA — Resistirei o que for preciso, porque prometti. Dizem que faço mal, que elle só quer o meu dinheiro, que me abandonará, que brigaremos, que me baterá... Mas, que me importa o que os outros dizem?
ELLE — (olhando-a, depois de um silencio) Vou dizer-lhe uma coisa curiosa: eu me sentiria mal se o meu pedido de casamento fosse bem succedido. Se a senhorita me désse um sim, eu ficaria desesperado!
ELLA — (sorrindo) Obrigada.
ELLE—Não; ouça. A sua historia é exactamente egual á

(*Conclúe na pagina 28*)

Coisa que se adivinha

Carlos esbodegou hoje um cidadão no meio da rua, a bengaladas. Espancou ferozmente, por um nada, um individuo que se notabilisa por inoffensivo e pacato. Mas Carlos embirra com os pasmados, e o vicio daquelle cidadão é precisamente esse: pousar o olhar grudento, fixo, estupido, esquecido, em tudo o que passa, ou vôa, ou está parado. Pois esse individuo estava esquecido de que o mundo é mundo, a embasbacar-se para um bonde da "Light", quando lhe choveu a pancadaria pelos hombros, pelas costas, pelas pernas. Como haveria o pobre de adivinhar que estava machucando, com o seu embevecimento pelo "camarão", o feixesinho de nervos expostos e irritadiços que caminhava atrás de si ?

O desabafo parece que fez bem a Carlos. Desengorgitou-lhe um pouco, pelo menos, o figado insupportavel. E, já em casa, pôde devorar mais gostosamente as ultimas paginas da "Illustre Casa de Ramires", que lhe sobravam para ler. O rapaz está atravessando a edade deliciosa dos que começam a ler Eça de Queiroz, isto é, vinte annos.

Leu as ultimas paginas da "Illustre Casa", fechou o livro, repoltreou-se na cadeira de balanço, cerrou os olhos e se ficou comparando a Gonçalo Mendes, de illustre linhagem e que chibateára um valentão da sua aldeia. Depois accendeu um cigarro. .e aturou a Lili!

Aturou a Lili ! E' de se arriscar a levar uma pancadaria, e pasmar ! Carlos preferira sempre, certamente, mortificar o figado durante um anno inteiro deante dum pasmado, a supportar por uma hora só a Lili.

E, entretanto, a Lili é bem differente dos pasmados! E', mesmo, o contrario delles: sempre barulhenta, sempre sem socego, sempre molecota, incapaz de deter-se um minuto diante de uma coisa só. Carlos não tolera aquella jovialidade sem conta, aquelle rubor nas faces claras como a estourar sangue, e o brilho alegre dos olhos, e a risada limpida e longa como um monte de crystaes que se quebra. Ha já quatro annos — e Lili tem hoje quatorze — que aquella exhuberancia de vida vem perturbando a existencia do mancebo. Todos os dias, logo de manhan cedo, lá vem ella arrastando casa a dentro toda a sua côrte de rumores festivos, pés descalços, a sainha muito curta mostrando-lhe a coxa rosada e rendada de veias azues, correndo alegre como uma louquinha, a contar aos titios e ás priminhas, com gritinhos entrecortados pela ancia e pelo cansaço, a sua ultima travessura.

Lili sabe que faz mal a Carlos. A's vezes uma onda de tristeza cobre o seu rostinho bonito, ao sentir o primo fugir ao seu barulho, ás suas travessuras, ao seu tango jazzbandesco ao piano, á sua gargalhada. Mas, um momento depois, cascateia novamente a gargalhada, sorriem-lhe outra vez os bellos olhos verdes, e os dentinhos, muito alvos, vão apparecendo aos pedaços, ao contar, com gritinhos entrecortados pela ancia e pelo cansaço, a sua ultima aventurasinha.

Pois Carlos, hoje, aturou a menina. Sentiu-se até bem, ali na sua cadeira de balanço, emquanto Lili jazzbandeava ao piano e os rolos de fumo do seu cigarro faziam piruetas no ar. Talvez — tudo é possivel! — tenha estado a considerar, nesse momento de gostosa passividade ao estardalhaço da prima, as vantagens de se ter uma esposa bonita que toque piano, que seja muito alegre, que seja muito viva, e que não seja pasmada.

Na varanda, sentados quasi em frente á sala, e separados por uma restea de sol morteiro que se esgueirava pela janella verde de heras, estavam o pae de Carlos e a mãe de Lili — tio e sobrinha. A's vezes, com o rabo dos olhos, espiavam para dentro da sala, onde Carlos continuava sonhando e sorrindo indulgentemente ao turbilhão de sons que as mãos ligeiras de Lili arrancavam ao teclado inteiro.

E ambos se olhavam e sorriam, um sorriso enigmatico e satisfeito, que lhes trazia até á flor dos labios um contentamento que lhes ia lá por dentro na alma.

Não ha certeza, mas parece que ha qualquer coisa planejado entre elles.

M. RITTER

Mãos... que meus olhos viram

Mais lindas que tuas mãos não as tiveram fadas,
nymphas pagãs,
nem mouras encantadas...
Aristocratas, ellas são feitas de creme e de opalas;
valem a vida,
tambem
a morte de quem ousar beijal-as.
Mãos onde,
horas e horas a fio,
repoisa a brisa a sentir-lhe o contacto cálido, macio;
que expressam,
em cada gesto que têm,
palavras que jamais ouvira de ninguem...
Como feitas de um sorriso em bocca que beijaram,
perturbam,
fazem perder o juizo...
Mãos fidalgas de patricia na leve palidez,
mysterio que se fez caricia,
um sonho feito nudez !
Mãos altivas,
mãos de prece,
que ou se dão ou apunhalam;
mãos cuja posse envaidece,
que dominam,
que avassalam !

PERSIO FREITAS GUIMARÃES.

minha: vim á sua casa unicamento para ter um derivativo. Minha familia quer que eu me case.

ELLA — E então?

ELLE—Eu tambem. Só discordamos quanto á noiva. Amo alguem, alguem que não tem dinheiro ..

ELLA — Não é possivel.

ELLE- Sim, é muito natural não se ter dinheiro. Minha familia, ajudada pelos Ferraz, procura um melhor partido para mim. Mas, perdem o seu tempo.

ELLA — Neste caso, porque veio cá?

ELLE—Por curiosidade. Para comparar a senhorita a Ella.

ELLA — E depois?

ELLE—E... e... para achar a senhorita menos interessante.

ELLA — E' encantador.

ELLE—Mas a senhorita é interessantissima! E, no entanto, se me désse um sim, que é que eu diria?

ELLA — Diria — obrigado.

ELLE — Que situação horrivel. Se já sou noivo.

ELLA—Seu caso me interessa. Vou sympathisar muito com o sr. Sou como todas as mulheres: muito bôa para com os namorados... das outras. (riem) Então, tambem tem um amor? E' bonita?

ELLE — Se é bonita!...

ELLA — Onde está?

ELLE — (batendo sobre o coração) Aqui.

ELLA — Isso eu sei.

ELLE — Não, aqui, na minha carteira.

ELLA—Deixe ver. (Olha a photographia. Elle vem para traz della, que está sentada no sofá) E' deliciosa. Morena, não é?

ELLE — Nem toda a gente pode ser loira.

ELLA—Pode, sim. Basta oxigenar os cabellos. Emfim, se ella prefere ser morena... (restituindo a photographia) Foi tirada a beira-mar?

ELLE—Não. E' uma praia simulada em casa do photographo.

ELLA — Como é que ella se chama?

ELLE — Eu a chamo "Ideal".

ELLA — E' encantadora. Está em São Paulo?

ELLE—Não. Agora, está no interior. E o seu ideal, senhorita onde está?

ELLA—No norte. (Apanhando um livro e virando paginas) Eil-o aqui, coitado! Deixei-o tanto tempo no Ceará. Como deve estar com calor!

ELLE—(olhando a photographia) Bello rapaz. Tem um ar alegre, um ar... assim, de quem é o primeiro amor de alguem.

ELLA — E é.

ELLE — (Para a photographia) Parabens.

ELLA — Acha-o sympathico?

ELLE — E ella? agrada-lhe?

ELLA — (segura nas mãos delle. (Pausa) E' interessante. Quando elle partiu, tinhamos as mãos unidas, assim. Com mais ternura, apenas.

Mesmo assim, se Mamãe chegasse agora, ficaria muito contente.

ELLE — Pensaria que resolvemos casar-nos.

ELLA — Quanto a isso, não ha perigo.

ELLE — Sempre hei de achal-a encantadora, senhorita.

ELLA — Porque?

ELLE — Estou pensando que nunca hei de vel-a despenteada.

ELLA — Eu nunca o verei de barba crescida.

ELLE—Nunca teremos uma rusga por causa da cozinheira.

ELLA—Que felicidade!... Jamais eu lhe direi: "O TEU PESSIMO HABITO"...

ELLE — (espantado) A respeito de que?

ELLA — De qualquer dos seus gestos.

ELLE — Sim, a senhorita não gostaria de mim.

ELLA — E no entanto eu já gosto bem do senhor.

ELLE—Sim. Bem. Bem, não está... mal. Porém, não está... bem.

ELLA — Mas, nós podemos estar junto.

ELLE—Com a condição de não estarmos juntos. Poderemos mesmo ver-nos sempre.

ELLA—Ao passo que, si nos casassemos,não nos supportariamos. O sr. me censuraria o pó de arroz, o ruge, o baton...

ELLE — Eu não poderia vel-a pintada! (Pausa. Sorriem).

ELLA — (Separando-se delle) Volta amanhã?

ELLE—(indo para a porta) Não sei... Seria indiscreção...

ELLA—Não! Amanhã, uma porção de gente vem cá, e eu não me occuparei senão do sr.

ELLE — Que prazer para mim!

ELLA—E para mamãe, então! Todas as senhoras cochicharão, e as minhas amigas ficarão muito admiradas, por verem que estarei, então, amavel ao lado de um rapaz. Não lhe darei chá... e, sobretudo, falarei dElla.

ELLE — A senhorita é encantadora! Que rapaz de sorte!...

ELLA — Quem?

ELLE — Elle.

ELLA — Quem?

ELLE — Elle.

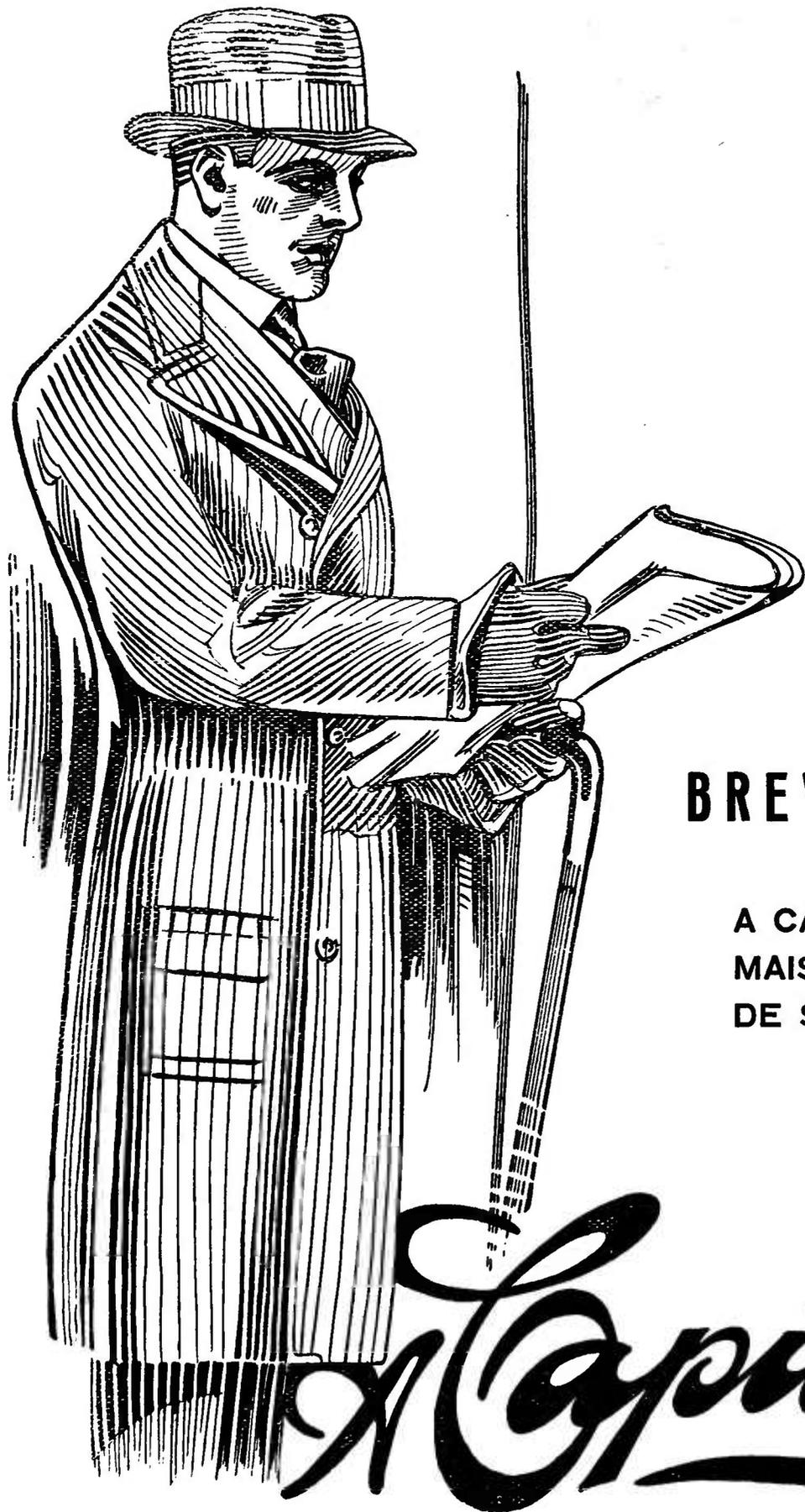
ELLA — Até amanhã.

ELLE — Que chá delicioso!

ELLA — Agora, saia. Mamãe pode chegar...

ELLE—(Da porta) E' mesmo. E si a senhora sua mãe me vir sahindo daqui, que é que a senhorita lhe dirá?

ELLA—Direi: "E' um sr. que vinha para um negocio, mas percebeu que tinha errado de porta..."

(Parecem muito felizes. Sahem. E, cae o pano, si houver).

BREVEMENTE
A CASA
MAIS LUXUOSA
DE S. PAULO
A Capital

CAMINHOS PARA O BRAZIL

SUGGESTÕES PARA A SOLUÇÃO DO PROBLEMA RODOVIARIO NO BRAZIL